

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
REVISITAR O CINEMA NOVO DE TAIWAN
11 e 17 de Junho de 2024

NU ZI XUE JIAO / 1982
(“Escola de Raparigas”)

Um filme de Lee Mi-Mi (ou Mimi Lee)

Realização: Lee Mi-Mi / Argumento: Chu Hsiu-Chuan / Fotografia: Chen Ching-Chu / Música: Hsin-Yi Chen / Montagem: Shan-Liang Lin / Interpretação: Niu Te, Han Chin, Ping-You Chang, Debbie Chou, Mei-Ling Lin, Nan, Nan-Shi Lin, Yan Shen, Shen Yuan, etc.

Produção: Jie Wei Hsing Film Company / Cópia: digital, cor, falado em mandarim com legendagem em português / Duração: 92 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

O seu nome praticamente não extravasou fronteiras, mas Lee Mi-Mi (ou Mimi Lee, conforme outras transliterações) foi uma das primeiras a trabalhar na indústria do cinema e da televisão em Taiwan, onde entrou como anotadora no final dos anos 60 e depois foi subindo na hierarquia profissional até lhe ser confiado o trabalho de realização. As filmografias existentes mencionam apenas dois filmes realizados por Lee Mi-Mi (“*Escola de Raparigas*” foi o segundo, depois de um primeiro em 1980 que se chamou, sugestivamente, “*Mães Solteiras*”), mas a informação também dá conta de que o essencial do trabalho da realizadora foi feito para a televisão de Taiwan.

Mi-Mi, tanto no primeiro filme como neste segundo que vamos ver, como ainda no trabalho televisivo, teria privilegiado sistematicamente um olhar sobre figuras femininas, e interrogado, ou reflectido, o lugar das mulheres na sociedade de Taiwan naqueles anos entre as décadas de 1970 e 1980. **Nu Zi Xue Jiao** está perfeitamente de acordo com essa caracterização. Pesem todas as diferenças, sobretudo as diferenças entre épocas e contextos culturais, é vagamente reminescente do célebre **Mädchen in Uniform** que Leontine Sagan dirigiu na Alemanha do princípio dos anos 30. Também retrata um ambiente feminino encontrado no universo escolar, também retrata a proximidade e os laços de amizade que as raparigas estabelecem entre elas, e sobretudo também narra o efeito perturbador que uma relação de carácter homossexual pode exercer sobre um contexto conservador, regulado e institucional como é, num caso como noutro, o espaço da escola.

É bastante leve e ágil, quase como um protótipo do “filme de adolescentes” em qualquer lugar do mundo, o começo de **Nu Zi Xue Jiao**, com a apresentação das raparigas, a descrição da sua amizade, o espírito levemente (dir-se-ia mesmo inofensivamente)

rebelde da sua relação com a escola e com a autoridade que ela representa. Depois, instala-se a *suspeita*, o rumor. A suspeita e o rumor são aqui mais importantes do que os factos que os geram – a suposta homossexualidade das raparigas, que existe, porque está fronteira entre a amizade e um amor que nem elas próprias são capazes de identificar, e não existe, porque não é uma questão de desejo nem de sexo, pelo menos passados à prática – e funcionam sobretudo como um mecanismo narrativo para pintar a perturbação que a ideia da homossexualidade (íamos acrescentar “feminina” mas não é de crer que o fenómeno se mitigasse em tratando-se de dois rapazes) provoca no ambiente escolar, apresentado evidentemente, mas não sublinhadamente, como uma “compressão” da sociedade de Taiwan no seu todo. Alguns dos poucos comentários estrangeiros feitos ao filme (ainda muito pouco visto fora de Taiwan) censuram-no levemente por se preocupar demasiado em “ilibar” as raparigas, ou por justificar a atracção ou dependência de uma delas pela outra a partir de uma história familiar de negligência emocional – mas é o tipo de críticas, muito da nossa época, que releva de uma altivez que devia ser possível evitar: é que é duvidoso que alguém fora de Taiwan saiba julgar com propriedade qual era, no princípio dos anos 80, o tipo de presença que a homossexualidade tinha naquela sociedade, e nesse sentido se narrativamente é um facto ou apenas um rumor é irrelevante, porque é muito óbvio que a questão em **Nu Zi Xue Jiao** é tornar *presente* a homossexualidade. Sem se deixar esmagar, sem se armar em panfleto, e sobretudo, a partir de dada altura, sem se negar a navegar a onda de uma hipótese de melodrama, rumo a um final que é ao mesmo muito triste e muito bonito.

Luís Miguel Oliveira